

MARTIN A. KAYMAN (\*)

«É CHEGADA A HORA DE TODOS OS PARTIDOS DE BOA VONTADE VIREM EM AJUDA DO POVO (\*\*)» — Teoria e Prática no Movimento Trabalhista Inglês

Sobre: — Edward P. Thompson, *«The Poverty of Theory» and Other Essays*, London, The Merlin Press, 1978, pp. 406.

Perry Anderson, *Arguments within English Marxism*, Londres, New Left Books, 1980, pp. 218.

Edward P. Thompson, *Writing by Candlelight*, Londres, The Merlin Press, 1980, pp. 286.

Fazer um comentário a uma obra dois anos após a sua publicação poderá parecer um exercício estéril. No caso presente, contudo, trata-se, por várias razões, de uma pausa historicamente útil. Em primeiro lugar, neste lapso de tempo assistimos a importantes acontecimentos políticos que vieram conferir nova relevância ao significado destes textos: a vitória do Partido Conservador nas eleições de 1979 e, mais recentemente, o debate sobre a(s) estrutura(s) do Partido Trabalhista e a sucessão de James Callaghan (<sup>1</sup>). Em segundo lugar, ao escrever *«The Poverty of Theory» and Other Essays* (<sup>2</sup>), Edward Thompson, historiador e militante socialista, produziu uma obra polémica que está na origem de um importante debate dentro da esquerda britânica, aqui representado pela «resposta» de um dos editores da *New Left Review* — trata-se de *Arguments within English Marxism* (<sup>3</sup>) de Perry Anderson. Poderemos ver ainda um terceiro motivo na alteração que Thompson imprimiu ao seu projecto inicial — embora tivesse apresentado *«The Poverty of Theory»*... como a primeira de duas colectâneas dos seus ensaios políticos, o texto subse-

---

(\*) Professor do Departamento de Anglo-Americanística da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.

(\*\*) Este título baseia-se num conhecido exercício de dactilografia. «Now is the time for all good men to come to the aid of the party» — e joga com o duplo sentido de *party*: festa/partido (N.T.).



quente, *Writing by Candlelight* (<sup>4</sup>), veio, pelo menos temporariamente, ocupar o lugar do anunciado segundo volume. Porquê? «Neste momento apresentam-se tarefas mais importantes» (*Writing...*, p. XVI). Esta substituição de um volume de textos teóricos por uma colectânea de *escritos jornalísticos* por parte do iniciador de tão grande polémica teórica obriga a reflexão. É evidente que os acontecimentos políticos levaram Thompson a alterar os seus imperativos estratégicos; devemos tentar compreender porquê.

«*The Poverty of Theory*»... reúne quatro ensaios: «Outside the Whale» («Fora da Baleia», 1959), «Peculiarities of the English» («Especificidades dos Ingleses», 1965), «Open Letter to Kolakowsky» (Carta Aberta a Kolakowski, 1973) e, finalmente, o ensaio que dá o título à colectânea («A Miséria da Teoria») e que consiste num violento ataque a Althusser e à «Rive Gauche marxistencialista». A importância da obra reside, principalmente, na sua própria história. Cada um dos ensaios teve o seu «momento» na história da Nova Esquerda na Grã-Bretanha, da mesma forma que as duas obras de Thompson objecto desta nota crítica continuam, elas próprias, essa história.

O primeiro texto da colectânea é um ensaio sobre os escritores socialistas dos anos 30 e surge no rescaldo dos acontecimentos de 1956: o abandono em massa do Partido Comunista (CPGB) — que perde um terço dos seus membros —, seguido da fundação de *The New Reasoner* (1957), mais tarde *The New Left Review* (1959). Este ensaio oferece-nos uma crítica quer ao estalinismo, quer ao que Thompson designa por nova cultura «natopolitana», e coloca uma questão que podemos considerar característica dos escritos polémicos de Thompson subsequentes: «Temos de sair para fora da baleia. Para fora de ambas as baleias. Como virá o historiador a descrever o nosso tempo? A idade de quê? Do estalinista estridente ou do Natopolitano passivo? A era da apatia? Ou a era em que se iniciou a revolta do humanismo socialista?». No segundo ensaio temos a crítica fulminante de um dos fundadores da «Nova Esquerda» aos seus sucessores Perry Anderson e Tom Nairn. Este último, ao tomar conta da *New Left Review*, escreveu uma série de artigos analisando «as origens da crise actual». A «Nova Esquerda nova» tentara definir aí concretamente os fracassos da classe trabalhadora inglesa postulando, simultaneamente, um quadro teórico que permitisse compreendê-los. Thompson utiliza para o seu ataque uma fundamentação historiográfica, política e teórica e condena sobretudo a substituição dos agentes humanos por conceitos estruturais. Seguidamente, em 1973, Thompson oferece-nos uma carta de



«isolamento» político a um «dissidente comunista» que escolhera um caminho diferente; e finalmente, em 1978, uma crítica aos althusserianos. Estes ensaios pontuam, assim, a história da fragmentação da esquerda britânica até à bancarrota ideológica do Partido Trabalhista nas vésperas da sua derrota frente a um Partido Conservador defensor feroz da economia de mercado.

A história propriamente dita é já conhecida. Começa com o optimismo do post-guerra que levou os exércitos que regressavam a juntar-se à população civil no voto por um governo trabalhista em 1945 — um optimismo que Thompson evoca eloquentemente no seu ataque à classe que secretamente governa em «A State of Blackmail» («Um Estado de Chantagem»):

Recordo um exército de civis, decidido e enghenhoso, progressivamente hostil às virtudes militares tradicionais, que, e muito mais fortemente do que os meus amigos mais jovens possam alguma vez conceber, se veio a tornar um exército antifascista conscientemente anti-imperialista. Os seus membros votaram trabalhista em 1945: e sabiam porquê, tal como os trabalhadores civis que tinham ficado. Muitos estavam impregnados de concepções e expectativas socialistas em tremendo avanço relativamente à retórica morna dos dirigentes trabalhistas de hoje... As nossas expectativas talvez fossem ingénuas, mas isso deveu-se a sermos demasiado utópicos e estarmos mal preparados para as traições nas nossas costas. («Writing...» p. 13)

As traições efectivamente sucederam-se: não só por parte da classe dominante, como de um Partido Trabalhista revisionista e de um Partido Comunista estalinista. Então, no rescaldo do Suez e da Hungria, surge a Nova Esquerda; depois, o movimento estudantil dos anos 60 (onde encontramos de novo Thompson, como testemunha a secção sobre a Universidade de Warwick em *Writing...*), com uma importante explosão teórica e uma alienação parcial da «Nova Esquerda envelhecida»; e finalmente, agora, o que parece ser o contra-ataque ao teoricismo.

É evidente que estes ensaios despertam, por si sós, o maior interesse — como seria de esperar de um historiador do calibre de Thompson (<sup>5</sup>) — mas esse interesse aumenta se os considerarmos como documento da história da esquerda na Grã-Bretanha, aliás alargado e actualizado pelas outras duas obras objecto desta nota.



O ponto fulcral de «*The Poverty...*» é contudo, sem qualquer dúvida, o ataque ao «Aristóteles do novo idealismo marxista», como Thompson apelida Althusser. Trata-se de um ensaio longo e muito seguro de si. O tom é, alternadamente, rigoroso e satírico. Thompson pede-nos que tomemos a sério Althusser para em seguida o ridicularizar. Aqui reside, na minha opinião, o perigoso erro deste ensaio. Thompson poderá ter razão, até certo ponto, mas não tem a razão que pretende.

Os seus modelos são Jonathan Swift, Engels (*Anti-Dühring*) e Marx (*A Miséria da Filosofia*). Mas não é preciso estar de acordo com Althusser para considerar incorrecto e até mesmo contraproducente — Anderson dirá «leviano» (*Arguments...* p. 128) — atribuir-lhe, neste momento, o papel de Dühring ou Proudhon.

A comparação com Dühring parece-me particularmente importante, pois muito neste debate remete, necessariamente, para a questão da ciência. Thompson ataca Althusser por este privilegiar um determinado paradigma racionalista e filosófico, mas ataca-o do ponto de vista privilegiado da sua própria historiografia (tal como fizera com Anderson e Nairn em «*The Peculiarities...*»). Qualquer que seja a justeza de muito do que Thompson tem para dizer, há aqui duas questões a considerar: a primeira é a suspeita de que Thompson não compreende totalmente a tradição epistemológica em que opera Althusser. Na sua tentativa de associar a epistemologia de Althusser com Karl Popper, não se dá conta das diferenças subtis, mas decisivas, entre Popper e Gaston Bachelard, este sim a figura fundamental. Desta forma, o racionalismo é identificado simplesmente com idealismo e o tipo de empirismo de Thompson fica fora do alcance de tal acusação.

O segundo ponto é consequência deste: a epistemologia do próprio Thompson praticamente não é examinada, limita-se a descansar nas suas realizações concretas. O problema intensifica-se quando compreendemos, com Anderson, que «Edward Thompson é hoje o nosso melhor escritor socialista[...] A brilhante variedade de timbre e ritmo dos escritos de Thompson no máximo da sua força [...] não tem paralelo na esquerda. Será uma opinião discutível, mas o alcance, num plano estritamente histórico, da série de estudos que atravessam os séculos XVII e XIX [...] até ao importante conjunto de ensaios mais recentes[...] constitui talvez o produto mais original do *corpus* da historiografia marxista inglesa, para o qual têm contribuído tantos intelectuais de talento» (*Arguments...* p. 1).

Thompson é um grande escritor na retórica e nos resultados... mas este testemunho em relação ao seu estilo apaixonado e à densa fundamentação dos seus escritos também pode servir



para sugerir que neste caso ele abafa o problema com o estilo e a particularização das questões. A capacidade polémica e os profundos conhecimentos históricos que utiliza com efeitos indiscutivelmente brilhantes quando ataca a imprensa conservadora (como no artigo «Sir, Writing by Candlelight...» «Exm.º Senhor Director, [Embora] a escrever à luz da candeia») ou quando faz em estilhas as memórias de Harold Wilson («Yesterday's Manikin» — «O Manequim de Ontem»), produzem efeitos diferentes quando se deparam com as complexidades e subtilezas de um debate com Althusser. Penso que os problemas epistemológicos que este coloca são demasiado complexos e importantes para poderem ser despachados no estilo francamente arrogante que Thompson aqui nos oferece.

Até certo ponto poderá, assim, dizer-se que o estilo ocupa o lugar de uma problemática teórica. Thompson recusa, pura e simplesmente, a um marxismo não-humanista qualquer hipótese que não seja «perniciosa» e «idealista». Encara-o como fundamentalmente anti-histórico, académico, absurdo e, por vezes acima de tudo (lamentavelmente), como «estrangeirado». Polemicamente, é levado ao ponto de identificar «anti-humanista» com «desumano». A sua perspectiva, que se reclama de termos como «empirismo», «moralismo» e «humanismo socialista», nega a sua própria problemática teórica em favor do que considera as suas origens e a sua resposta «inglesas» e «populares».

Dito isto, também temos de reconhecer que em Thompson (como em Raymond Williams, Christopher Hill, Eric Hobsbawm, entre outros) encontramos, como o próprio Anderson afirma, a voz de *uma* tradição socialista popular inglesa, e que muito do seu valor deriva precisamente desse facto. Thompson é coerente no seu «humanismo socialista», na sua insistência no agir e na consciência, na tradição e na cultura como molas humanas do radicalismo inglês. A sua popularidade actual é testemunhada pelo entusiasmo com que largos sectores da esquerda receberam o seu ataque ao arsenal teórico francês. Mas a questão que se põe é saber se a fragmentação e impotência da esquerda em Inglaterra se devem a uma rejeição dessa tradição popular «não-teórica» ou se, como foi defendido nos anos 60, não se deverá antes à recusa dos socialistas britânicos em se armarem teoricamente.

A argumentação a favor de um discurso teórico nos anos 60 (especialmente na alvorada da primeira vitória trabalhista ao cabo de treze anos) pareceu efectivamente adequada na altura. A tradição do socialismo inglês no poder tem sido, também, marcadamente, uma tradição de traição, quer se trate da direcção do Partido Trabalhista, quer se trate do Partido



Comunista (tal como é) ou do Movimento Sindical. A exigência de teoria era assim, segundo creio, uma exigência de *rigor* socialista. Regressarei a esta questão. Entretanto, contudo, a esquerda parlamentar e oficial em Inglaterra entrou em tais compromissos com a *sua* versão de um discurso «popular» de «humanismo socialista» que, nas eleições decisivas de 1979, muitos socialistas se sentiram incapazes de votar num Partido Trabalhista que representava apenas um capitalismo de rosto mais aceitável<sup>(9)</sup>. Será que esta situação lamentável resulta de demasiada teoria esotérica ou da ausência de teoria adequada? Qual será na realidade o papel da teoria em tudo isto?

Anderson põe a questão em termos mais peremptórios: «Será que Althusser tinha razão quando previu, no início da década de 60, que a celebração de um humanismo socialista daria um resultado de direita?» (*Arguments...*, p. 108). E põe-se, com relevância nova, uma questão semelhante: será que um «regresso» ao «humanismo socialista» não significará hoje fazer o jogo dos social-democratas do Partido Trabalhista?

«The Poverty of Theory» responderia claramente que não, e Thompson poderia com facilidade argumentar que Harold Wilson e James Calaghan (virá a ser necessário acrescentar Michael Foot?) representam meras perversões dessa retórica. Mas Thompson vai mais longe ao tentar convencer-nos de que aquilo que identifica como as tendências «estalinistas» do althusserianismo representa uma ameaça muito mais perigosa do que o revisionismo decadente da direcção do Partido Trabalhista. E é neste ponto que vemos as questões mudar de terreno à medida que se intensifica a sua premência real. Apesar de Anderson efectivamente criticar, dentro de certos limites, os aspectos «científicos» e historiográficos dos escritos polémicos de Thompson, a sua preocupação principal é mais o paralelo com Proudhon do que a acusação de Dühring. Por outras palavras, a questão académica e teórica é rapidamente afastada para dar lugar ao problema pragmático e político que é premente.

A este respeito penso que Anderson denota grande sensatez, sobretudo se atendermos à tempestade polémica que Thompson levantara. Embora Anderson seja firme quando se defende — e ao seu conselho de redacção — do ataque ideológico extraordinariamente violento que Thompson lhes dirigiu, fá-lo num tom que considero de genuína reconciliação. Reconhece, por exemplo, que, quando mudaram os responsáveis pela *New Left Review*, o radicalismo juvenil os conduziu a uma atitude precipitada e injusta relativamente à geração dos «mais velhos» — e procura «fazer as pazes» com Thompson. E ten-



tando evitar a hiperreacção polémica que responde à sua própria pergunta, que citei atrás:

O quadro do humanismo socialista não continha em si um fatalismo ideológico simples: se as suas limitações e fraquezas efectivamente permitiram um tipo específico de evolução para a direita, por si sós, não a determinaram.

Ironicamente, as opções do próprio Althusser no início dos anos 60 viriam a ser postas a uma prova semelhante, com resultados não muito diferentes. (*Arguments...*, p. 109)

O que Anderson pretende claramente dizer é que se dentro da esquerda há lugar para um debate empenhado sobre problemas científicos e ideológicos, não se avança esse debate acusando a outra parte de, apenas devido à sua posição teórica, ser responsável pela rendição das classes trabalhadoras, quer perante Callaghan ou Thatcher, quer perante uma qualquer fantasia nefasta de estalinismo.

Se for então possível quebrar o ciclo de argumentação que, por um simples determinismo directo, faz derivar uma política de uma posição teórica (algo que Thompson certamente acolheria de bom grado), há ainda uma questão a pôr: qual a razão do estado actual da esquerda e qual é o papel aí desempenhado pela teoria (ou pelas teorias)?

Relaciona-se com estas questões um artigo publicado no *Times Higher Educational Supplement* (7/12/79), assinado por uma das figuras dos anos 60, outro homem da Nova Esquerda, Robin Blackburn. Neste texto, intitulado «Was this the birth of Anglo-Marxism?» («Terá realmente nascido o Anglo-Marxismo?»), Blackburn traça a evolução do movimento estudantil dos anos 60 em termos da injeção teórica que se exigia na altura. A sua atitude é mais conciliatória e optimista do que a de Thompson:

Parte da força do «anglo-marxismo» reside, efectivamente, na diversidade das suas fontes. Haverá hoje poucos devotos incondicionais dos vários pensadores do «marxismo ocidental», como Lukács ou Althusser, mas as suas obras constituem um ponto de referência fundamental e estimulante — com destaque, talvez, para Gramsci. Também as obras de uma outra geração de intelectuais marxistas ingleses — Maurice Dobb, Chris-



topher Hill, Edward Thompson, Ralph Milliband, Raymond Williams e Eric Hobsbawm — são objecto de vivo debate. (7)

Blackburn vê, assim, um vivo debate e uma síntese flexível onde Thompson vê um erro grosseiro. Mais importante ainda, a sua crítica da falência política do anglo-marxismo não se baseia no absurdo de esta ou aquela das suas fontes, mas precisamente na sua incapacidade de desenvolver *organização política*.

Creio que temos aqui o ponto fulcral da questão e que podemos agora identificar o principal perigo da presença althusseriana em Inglaterra. Tal como se pode argumentar que o discurso do «humanismo socialista» se presta à perversão da social-democracia, também é perfeitamente evidente que o sistema do althusserianismo se presta a uma espécie de idealismo narcisista e ao dogmatismo. Numa recente recensão sobre o estado actual dos estudos históricos na Grã-Bretanha («*Historiography in Britain: 'une histoire en construction'*», in *Rethinking History: Time, Myth and Writing, Yale French Studies*, 59, 1980) Louise Adler adverte: «Quando se descontextualiza uma «prática teórica» específica, o seu valor é distorcido; na Grã-Bretanha, a teoria torna-se uma metáfora da análise rigorosa... No ponto em que Althusser tinha cuidadosamente elaborado a relação de uma prática teórica com uma prática política os britânicos colocaram o 'rigor'. Isto faz-nos regressar ao que disse anteriormente acerca do «rigor socialista». É evidente que o «rigor», uma vez feiticizado e tornado auto-referenciante, ao desdenhar as impurezas da prática política, se torna uma categoria do mundo académico em autocontemplação, negando-se o acesso ao mundo da luta. Parece ser precisamente o colapso da necessária articulação entre prática teórica e prática política e a sua substituição por uma categoria académica de «rigor» o que mais visivelmente se apresenta como o fracasso do althusserianismo na Grã-Bretanha.

Poderia dizer-se que, dada a posição teórica, tal fosso e tal substituição eram inevitáveis. Há uma certa dose de verdade no argumento thompsoniano de que o althusserianismo se presta a uma sofisticação escolástica que perde o contacto com o mundo político real. Mas volto a afirmar que continua a existir uma zona de incompreensão relativamente ao contexto epistemológico da teoria: Bachelard, por exemplo, teria argumentado que, embora a teoria em si exista num paradigma racionalista, só um *materialismo técnico* a poderá alguma vez completar. A teoria pode ser (teoricamente) «perfeita», mas não terá qualquer significado se não *funcionar* no mundo ma-



terial. Desta forma, o que é necessário em ciência é uma verdadeira dialéctica, uma autêntica troca entre o «racionalismo local» e o «materialismo técnico» em que a teoria tem, acima de tudo, de procurar dar resposta à experiência, de forma a que, em última instância, uma equação se possa transformar num *instrumento*.

Em segundo lugar, não podemos efectivamente lançar a acusação contra o próprio Althusser: bem ou mal empenhou-se no movimento estudantil dos anos 60 e posteriormente no P.C.F.. E, como aponta Anderson, atendendo às opções políticas existentes nos dois países, talvez esta decisão não difira radicalmente do empenhamento de Thompson no Partido Trabalhista britânico. Ambas acarretam resultados ambíguos e nenhuma é de desprezar; ambas são prisioneiras das realidades políticas das respectivas sociedades, onde as opções políticas práticas se não compadecem nem com a pureza teórica do althusserianismo nem com a pureza moral da retórica de Thompson.

Em que ficamos, então? Dado que nenhum destes «marxismos» determina uma traição em favor da social-democracia ou do abominável estalinismo, mas que ambos se prestam a determinados erros ou perversões; e dado que, em ambas as «alas», a ausência de organização política adequada tem tido um papel mais determinante do que o conteúdo teórico real, o que é que, neste momento, nos surge na ordem do dia? Não será certamente a demanda de uma pureza teórica feiticizada, mas também não poderá ser uma cruzada violenta de assalto contra determinado sector da esquerda. Trata-se, claramente, de uma questão de organização. Mas de novo aqui deparamos com problemas de fundo, e o que está em jogo não pode ser silenciado por apelos espúrios à «unidade da esquerda».

Temos, à primeira vista, dois problemas: o problema do partido e o problema dos movimentos. Quanto ao partido, é indiscutível que só o Partido Trabalhista é viável em termos parlamentares (\*). Por muito desagradável que isso seja, é um facto de que temos de partir: se acreditarmos que o parlamento é um factor relevante, então o Partido Trabalhista apresenta-se como a única opção real.

Por outro lado, um dos aspectos mais estimulantes dos anos 60 e 70 foi sem dúvida o irromper torrencial de movimentos sociais, industriais e políticos. É evidente que nem todos esses movimentos inspiram o mesmo entusiasmo e que há muito de «alternativismo» reaccionário em vários deles. Mas a coerência de elementos do Movimento das Mulheres, da Liga Anti-Nazi, de várias associações de moradores e, sobretudo, de movimentos sindicais de base não-oficiais, de movi-



mentações articuladas de delegados sindicais, levou muitos a optar pelo empenhamento nesses grupos «de base», auto-organizados para lutas pontuais com objectivos concretos. <sup>(9)</sup> Tais grupos devem, pelo menos, constituir importantes pólos de energia política pois são constantemente cortejados pelos partidos políticos.

Claro que, em teoria, não é necessário que exista qualquer contradição entre o trabalho num movimento e a militância num partido político. Deveria antes haver completamentaridade de tarefas. Thompson argumentaria, aliás, que a própria luta pela democracia parlamentar tem sido objecto dos esforços mais caros e ardentes da classe trabalhadora auto-organizada. Mas receio que tenhamos aqui um problema de vulto, precisamente na relação real entre os movimentos de base e a opção partidária.

Antes de se tornar um problema teórico, trata-se já de um problema histórico. Assistimos vezes demais, na vigência dos últimos governos trabalhistas, ao espectáculo estranho e terrível de ter um grupo de trabalhadores sob o ataque combinado do patronato (por vezes numa indústria estatizada ou subvencionada), do executivo sindical e do Ministério. A um nível mais geral, vimos governos trabalhistas sucessivamente tomar medidas que atacam as classes trabalhadoras e retardar medidas socialistas (continua a aguardar-se o cumprimento do compromisso trabalhista de abolição do ensino particular e da medicina privada, bem como a institucionalização de sistemas estatais efectivamente eficientes no campo da educação e da saúde): vimos elevar-se o desemprego, imporem-se tectos salariais e introduzirem-se cortes nas despesas públicas. Este problema é brutalmente real. Enquanto o Partido Trabalhista na oposição e na caça ao voto apela aos trabalhadores e aos grupos e movimentos de base, apoiando as suas lutas, uma vez no poder procura rapidamente abafar essas mesmas formas de organização.

Quando fazemos a pergunta: por que razão há-de isto ser assim? não o fazemos apenas em termos históricos, mas também em termos teóricos. A resposta relaciona-se, a um nível mais restrito, com a organização do próprio Partido, e é a esta questão que se dirige a Campanha pela Democracia Trabalhista: deslocar o poder do Partido Parlamentar para as bases, via Conferência Anual <sup>(10)</sup>. Mas há uma outra resposta mais preocupante, que põe em dúvida as potencialidades de um partido, mesmo reformado. Está provado à evidência — e até Tony Benn, o chefe da ala esquerda do Partido Parlamentar <sup>(11)</sup>, o admite (embora por certo defendesse que um partido



reformado alteraria a situação) — que não é o Parlamento que governa.

Thompson reconhece obviamente este facto, que aliás motiva o ímpeto pragmático dos seus escritos jornalísticos dos anos 70, coligidos em *Writing by Candlelight*. Aí, por um lado se desmascaram, de forma indiscutivelmente violenta, as forças que governam, e por outro se dá voz, eloquentemente, à verdadeira «maioria silenciada» — aqueles que são governados. E, contudo, Thompson não considera esta actividade importantíssima incompatível com a sua militância no Partido Trabalhista. Na medida em que o Parlamento constitui uma força política, temos de concordar que não há outra escolha possível. Mas isto não resolve o problema da relação entre um hipotético novo governo trabalhista, reformado ou não, e os movimentos de base <sup>(12)</sup>.

O que pretendo acentuar é que, se dermos ouvidos ao apelo de Thompson e nos comprometemos com a actividade parlamentar e, conseqüentemente, com o Partido Trabalhista, o devemos fazer na perfeita consciência das limitações deste e da necessidade de nos defendermos da sedução da sua retórica (por muito pervertida que esteja), o devemos fazer, enfim, na consciência das contradições que potencialmente se virão a verificar entre a democracia de base e a organização parlamentar. Para isto necessitamos de uma teoria; mas penso que a contribuição positiva dos escritos de Thompson é precisamente a de nos tornar consciente de que necessitamos de teoria de ambas as «alas», que mutuamente se devem corrigir. Assim, o argumento thompsoniano a favor de formas de organização e aspiração espontâneas e tradicionais, que incluem a luta por uma democracia parlamentar através do Partido Trabalhista, necessita de ser limitado pela crítica teórica da função do Parlamento e do reformismo num capitalismo da «abundância» (Welfare Capitalism) e numa política de «gestão tecnocrática». Por outro lado, a resposta desesperante, e por vezes desesperada, da teoria «pura» — parlamento, sistema de jurados, sindicatos, enfim qualquer organização sob o capitalismo resume-se apenas a formas cada vez mais subtis de coerção estatal — requer o correctivo da voz thompsoniana que nos recorda que as classes trabalhadoras não são nem ignorantes nem incapazes, e que as suas lutas através dos tempos se não podem reduzir a uma gigantesca fraude em que inocentemente se tivessem deixado manipular.

É esta voz — apaixonada mas lúcida — que se ouve em *Writing...*, mais ainda, segundo creio, do que em «The Poverty of Theory». É uma voz contra a força coercitiva do estado, e radica num conhecimento profundo e num forte comprometi-



mento relativamente às lutas das classes trabalhadoras em Inglaterra. Thompson tem uma consciência aguda das traições, e a ela se deve parte da sua força. Mas quando se dirige contra a esquerda essa consciência é por vezes tão dorida que se torna exageradamente penosa quer sob um ponto de vista teórico quer estilístico. Quando se dirige contra a direita, contudo, gera uma retórica incisiva verdadeiramente estimulante. É isto que salva Thompson do mal que diagnosticou em George Orwell: «Orwell é como um homem em carne viva de um lado e, do outro lado, dormente. Tem uma sensibilidade — por vezes obsessiva — à mais ligeira insinceridade da esquerda, mas o carácter desumano da direita raramente provocou nele um parágrafo sequer de polémica» («Outside the Wale», in *The Poverty...*, p. 15). Por enquanto não é isso que se passa com Thompson — embora deva dizer-se que o seu lado esquerdo, em determinados momentos, é consideravelmente mais irritável do que o seu lado direito.

Temos então que, entre 1978 e 1980, o próprio Thompson canalizou as suas energias, até então concentradas num ataque teórico geral contra determinado sector da esquerda, para investidas pontuais contra inimigos mais urgentes e mais concretos à direita. Pode ser que a «síntese» conciliatória que sugeri atrás seja inconcebivelmente ingénua e ignore por completo todo o problema da presumível incompatibilidade entre Althusser e Thompson, ou, noutro campo, entre movimentos pontuais de base e o Partido Trabalhista. De qualquer forma é importante que os debates não cessem — será contudo desejável que se processem de forma menos violentamente sectária. Creio aliás ser em parte esta a intenção de Thompson ao publicar os seus escritos jornalísticos como substituto temporário do seu segundo volume de escritos teóricos: sob vários aspectos, a sua «Introdução» constitui o melhor texto e o mais importante de todo o livro. É aí inequívoco o carácter urgente do problema, como é inequívoca a identificação do inimigo: «Neste momento atravessamos, indiscutivelmente, um período de autoritarismo. Nas duas últimas décadas, o Estado, quer sob administração conservadora, quer sob administração trabalhista, continuou a tomar liberdades — liberdades que já foram nossas» (p. XIV). E embora eu não pense que Thompson abandonou a sua oposição estridente ao estalinismo, qualquer que seja a forma sob que ele se lhe apresente, a sua missão exprime-se neste livro em termos muito mais conciliatórios. Na «Introdução» ouvimos uma voz que consegue alcançar um equilíbrio apaixonado, com muito mais possibilidades de contribuir para o avanço do socialismo do que um purismo teoricista ou, também é justo que se diga, uma qualquer invectiva



anti-teoricista à maneira de Thompson. Em vez de «expulsar» do socialismo aquelas outras tendências, convida-as, efectivamente, a regressar:

Há contudo um factor na situação de uma parte da esquerda, e também do movimento feminista, que poderia enfraquecer a resposta que a situação exige. Desde há uma década pelo menos (aproximadamente de 1968 para cá), uma parte da esquerda virou as costas à vida política nacional optando pela construção de uma cultura alternativa. Uma parte do movimento feminista, por razões evidentes, fez uma opção semelhante.

Esta viragem tomou por vezes um carácter activista, em campanhas pontuais, outras vezes apresentou-se mais distanciada, até mesmo introvertida (auto-análise e auto-reflexão teórica). Em qualquer dos casos, houve realizações concretas no campo da construção de uma cultura alternativa durante esta última década [...]. Não estou de forma nenhuma a rejeitar polemicamente aquilo que foi conseguido.

Mas, inelutavelmente, a cultura oficial do poder prossegue a sua marcha: e talvez o seu percurso seja facilitado quando parte da oposição lhe vira desdenhosamente as costas [...].

A «cultura alternativa» tem de encontrar formas de influenciar de novo, *activamente*, a vida política nacional. Não estou a pedir a nenhum grupo ou movimento que abandone os seus valores ou a sua autonomia. Não acredito que exista apenas uma única forma de acção «correcta» ou eficaz, como seja, por exemplo, entrar para o Partido Trabalhista (onde acontece que pessoalmente me encontro). (*Writing by Candlelight*, pp. XI-XII).

Esta é uma voz diferente da que ouvimos em «The Poverty of Theory» e parece ser uma resposta à evolução das realidades políticas; merece ser aplaudida. Felizmente também, o convite foi de certa forma antecipado por uma iniciativa do Movimento das Mulheres (e em particular da tendência firmemente marxista representada por Sheila Rowbotham). As duas conferências «Beyond the Fragments» (Para além dos Fragmentos) e o livro que a primeira delas originou (veja-se neste número da *Revista Crítica* a recensão de Graça Abranches) procuraram precisamente oferecer um forum que permitisse canalizar energias radicais. Menos espectacular mas também significativo foi o «Debate da Década», uma discussão



sobre o futuro da esquerda por activistas e políticos com responsabilidades. <sup>(1)</sup>

Nem este último debate nem a Conferência do Partido Trabalhista deste ano nos inclinam a um grande optimismo relativamente ao futuro da esquerda em Inglaterra. Mas a alteração de objectivos e de ângulo de abordagem operada por Thompson, e a sua atitude mais aberta relativamente aos movimentos de esquerda (teoria inclusive), bem como a iniciativa do grupo «Beyond the Fragments» sugerem pelo menos que a auto-destruição numa disputa sectária não é inevitável.

(trad. de Graça Abranches)

(1) O Partido Trabalhista é constituído por três agrupamentos principais: os Sindicatos, os núcleos a nível de círculos eleitorais (Constituency Parties) e o Partido Parlamentar. O órgão soberano é a Conferência Anual, em que estão representados os três agrupamentos e que elege o Executivo Nacional, órgão dirigente do Movimento Trabalhista. Contudo, o Partido Trabalhista Parlamentar goza de uma autonomia considerável: elege o dirigente máximo (leader) do Partido e considera-se razoavelmente independente em relação ao «Manifesto». A Campanha pela Democracia Trabalhista tem como objectivo levar o PTP a responder perante a Conferência. Daí a proposta de um «colégio eleitoral» para escolher (ou, no caso presente, confirmar) o leader, colégio esse com representação dos Sindicatos, dos «partidos locais» (círculos eleitorais) e dos membros do parlamento. Em suma, aquiio que se pretende é uma maior responsabilização dos membros do Parlamento individualmente, e do PTP no seu todo, perante o Movimento no seu conjunto.

(2) Edward P. Thompson, *The Poverty of Theory and Other Essays*, Londres, The Merlin Press, 1978, pp. 406.

(3) Perry Anderson, *Arguments within English Marxism*, Londres, New Left Books, 1980, pp. 218. Esta obra toma a forma de um apreciação global da obra de Thompson, com particular incidência no ensaio «The Poverty of Theory». Para uma referência exaustiva à bibliografia de Thompson, remete-se o leitor para esse texto.

(4) Edward P. Thompson, *Writing by Candlelight*, Londres, The Merlin Press, 1980, pp. XIV, 286.

(5) Os textos históricos fundamentais de Thompson são *William Morris-Romantic to Revolutionary* (1955), *The Making of the English Working-Class* (1963) e *Whigs and Hunters* (1975).

(6) A expressão «um capitalismo de rosto inaceitável» foi utilizada por Edward Heath, o primeiro-ministro conservador, a propósito de determinadas práticas semi-corrúptas dos monopólios multinacionais no início da década de 70.

(7) Remete-se o leitor para Perry Anderson, *Considerations on Western Marxism*, Londres, New Left Books, 1976, de que existe tradução portuguesa: *Considerações sobre o Marxismo Ocidental*, Porto, ed. Afrontamento, s. d.,.

(8) Em Inglaterra, os outros partidos de esquerda que disputam as eleições são o Partido Comunista da Grã-Bretanha (CPGB), o Partido Revolucionário dos Trabalhadores (WRP) e o Partido dos Trabalhadores Socialistas (SWP). Enquanto o primeiro optou (sem qualquer êxito) por uma estra-



tégia eleitoral «euro-comunista», os outros mantêm-se partidos «revolucionários», com uma estratégia eleitoral diferente. O SWP, por ex., tentou apresentar candidatos em todos os círculos em que concorria a Frente Nacional — com o resultado embaraçoso de ter obtido, de uma forma geral, uma votação inferior à que recebeu a Frente fascista.

(9) A «Liga Anti-Nazi», juntamente com movimentos como o «Rock against Racism», tem alcançado assinaláveis vitórias na batalha contra o ressurgimento do fascismo em Inglaterra. A campanha «Pelo Direito ao Trabalho», de novo muito dependente de elementos do SWP, tem sido menos bem sucedida como núcleo polarizador de energias radicais. Também se destacar o «Troops Out Movement» (contra a presença britânica na Irlanda do Norte). Menos frequentemente referidos são grupos mais reduzidos, quer de moradores, quer de trabalhadores a nível de empresa, quer de auto-defesa contra actividades racistas.

(10) Cf. nota 1. O progresso da Campanha tem sido lento e tem implicado negociações múltiplas. O princípio do colégio eleitoral já foi acordado, mas a responsabilidade relativamente ao Manifesto e a confirmação obrigatória dos membros do Parlamento ainda está a ser negociada.

(11) Tony Benn, candidato eventual à chefia do partido (reservou a apresentação da sua candidatura para depois da entrada em vigor da nova regulamentação, em Janeiro de 81), constitui o pólo aglutinador da ala esquerda dos Membros do Parlamento. Embora tivesse ficado seriamente comprometido pela sua actuação como Ministro da Energia no governo de Callaghan, representa ainda, apesar de tudo, a melhor hipótese para uma política socialista num governo trabalhista.

(12) Por exemplo, o próprio Thompson colabora activamente no Movimento pelo Desarmamento — uma organização de base de frente ampla. Também o novo leader do Partido Trabalhista, Michael Foot, se comprometeu a cumprir a resolução da Conferência em favor do desarmamento unilateral. Contudo, ninguém terá a ingenuidade de pensar que, mesmo que viesse a ser eleito, Foot seria autorizado a pôr em prática tal medida.

(13) Peter Hain (ed), *The Crisis and Future of the Left: The Debate of the Decade*, Londres, Pluto Press, 1980. Entrevieram, pelo Partido Trabalhista, Tony Benn, Stuart Holland e Audrey Wise; pelos «radicais», Hilary Wainwright («Beyond the Fragments»), Paul Foot (SWP) e Tariq Ali (Grupo Marxista Internacional — IMG). Significativamente, o debate foi praticamente destruído pela intervenção de activistas a favor do Protesto do Bloco «H» (protesto — greve da fome — por um estatuto de preso político para os elementos do IRA detidos em prisões britânicas).